

Machado de Assis e a compressão do tempo nas linhas telegráficas

Rodrigo S. Trindade⁶⁴

Resumo

A comunicação consiste em discussão acerca do modo como Machado de Assis estabeleceu na sua série de crônicas *A Semana*, publicada na *Gazeta de Notícias* entre 1892 e 1897, produtivas reflexões sobre a controversa forma de transmissão de notícias trazida pelo telégrafo aos jornais da capital da República. Em meio à profusão de elementos trazidos pela crônica machadiana, destaca-se a problematização do próprio espaço em que se insere. Nesse sentido, são alvos do olhar atento do escritor as diferentes rubricas dos jornais do Rio de Janeiro, com especial atenção para a que resulta diretamente da nova tecnologia: a seção *Telegramas*, que se destacava nos principais periódicos desde a década de 1870. A forma rápida de comunicação fez com que houvesse para o público a percepção de encurtamento das distâncias dentro do Brasil, da América do Sul e, até mesmo, em relação ao continente europeu, o que Machado de Assis parecia não enxergar com muito otimismo. Nosso objetivo é o de demonstrar a recorrência de uma certa descrença de Machado de Assis nos supostos benefícios auferidos pelo público leitor a partir das informações trazidas pelas principais agências de notícias estrangeiras, assim como verificar quais são seus desdobramentos para a economia de suas crônicas. São frequentes as manifestações como a de 20 de novembro de 1892: “Vá um homem crer em telegramas! A mim custa-me muito; Bismarck não cria absolutamente, tanto que confessa agora haver alterado a notícia de um, para obrigar à guerra de 1870”.

Palavras-chave

Machado de Assis; Crônica; Literatura e Imprensa; Imprensa do século XIX; Rubrica jornalística.

64 Doutorando e Mestre em Literatura Brasileira (USP) sob orientação do Prof. Dr. Hélio de Seixas Guimarães, Bacharel em Letras e Direito (USP). É docente do quadro permanente da área de Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). E-mail: r.trindade@outlook.com

A presente comunicação se insere no âmbito da pesquisa intitulada *O cronista lê a imprensa: Machado de Assis e a Poética dos Jornais na série A Semana (1892-1897)*, iniciada em 2018.

Nos anos de maturidade, Machado de Assis parece ter depurado a sua visão sobre o papel dos jornais. É sabido que na juventude, enquanto muitos escritores se ressentiam do modelo de escrita comercial em prejuízo da liberdade criativa, o aspirante a poeta Joaquim Maria celebrava o aspecto civilizatório da imprensa em um país recém-independente (MASSA, 2009. p. 193).

Em *A Semana*, o cronista – menos entusiasmado – sorve as páginas dos jornais ao mesmo tempo que reflete sobre as escolhas e silêncios das pautas, linguagem, ritmo, serialidade e fragmentariedade, além de examinar criticamente o conjunto da mídia de seu tempo. Todos esses elementos são considerados nos estudos sobre a relação entre imprensa e literatura, aqui representados pelos trabalhos de importantes pesquisadores, dos quais destacamos Marie-Ève Therenty (2007) e Lúcia Granja (2016), que, respectivamente, elaboram e desdobram o conceito *Poética dos Jornais*, estabelecido como base teórica fundamental de nossa proposta de estudo:

O fato de o jornal ser midiático, promover uma mudança de regime discursivo, ser cotidiano e coletivo, são as principais características que promoveram uma inflexão na Literatura e constituíram uma nova Poética, da qual se nutriu a moderna escrita literária, que, por sua vez, também alimentou literariamente as formas jornalísticas (GRANJA, 2016, p. 18).

Marie-Ève Thérenty (2015, p. 57-72) acrescenta como grande tópico do periodismo nacional, oriundo da crônica parisiense, o espaço do contraponto, porque, a exemplo das publicações hebdomadárias produzidas por Delphine de Girardin no periódico *La Presse*, na primeira metade do século XIX, o escritor-jornalista brasileiro faz da sua escrita periódica um lugar de reflexão sobre a própria “máquina midiática” e sobre o universo que ela contém. É a sua escrita o lugar de desmitificação do mundo dos jornais.

Nas crônicas publicadas na *Gazeta de Notícias* entre 1892 e 1897, Machado de Assis dedica aproximadamente quarenta de suas colunas dominicais à reflexão sobre conteúdo veiculado na seção *Telegramas* - rubrica presente nos principais periódicos da época. Tais ocorrências demonstram a especial predileção do cronista pelas curtas notícias vindas de pontos longínquos do Brasil e do mundo. O que parece se

apresentar é o registro de uma determinada descrença na efetividade do papel desempenhado pelos poucos caracteres posicionados nas primeiras páginas diárias.

Marialva Barbosa (2010, p. 117) aponta que se deu em 1874 a instalação no Rio de Janeiro da Agência de notícias Havas – principal veículo especializado na distribuição de conteúdo enviado por telégrafo. O *Jornal do Commercio* e a *Gazeta de Notícias* foram os pioneiros no desenvolvimento de uma seção específica para a publicação desse material nas suas primeiras páginas, imediatamente seguidos pela maioria das publicações da capital do Império.

Em 1892, já no período republicano, a seção *Telegramas* era uma rubrica consolidada, sendo responsável por permitir que o público leitor tivesse acesso com maior velocidade às novidades trazidas de diversas regiões do mundo. Naturalmente, o recurso telegráfico se apresentava como um dos símbolos da modernização da imprensa, o que por si só poderia ser enxergado como um elemento positivo.

O custo das despesas telegráficas, entretanto, obrigava as agências a comprimir e codificar as notícias de modo a torná-las incompreensíveis. Os jornais, por sua vez, não se empenhavam em desenvolver um fio narrativo para as mensagens lá trazidas, publicando-as tal qual as recebia, o que “... ocasionou a publicação de muitas notícias erradas a ponto de a informação telegráfica cair no descrédito. Ficou famosa a expressão ‘mentir como um telegrama’”. (MOLINA, 2015, p. 407)

Machado de Assis parece partilhar dessa visão, fazendo da “má fama” dos telegramas o tema de muitas crônicas, quase sempre no diapasão do humor. O escritor abre sua terceira intervenção na primeira página da *Gazeta de Notícias*, em 3 de maio de 1892, com a seguinte reflexão:

Mato Grosso foi o assunto principal da semana. Nunca ele esteve menos Mato, nem mais Grosso. Tudo se esperava daquelas paragens, exceto uma república, se são exatas as notícias que o afirmam, porque há outras que o negam; mas neste caso a minha regra é crer, principalmente se há telegrama. Ninguém imagina a fé que tenho em telegramas. (ASSIS, 1996. p. 54)

O cronista repercutia uma série de notícias trazidas pela *Agência Havas* e veiculadas nos principais jornais do Rio de Janeiro, acerca da instalação de uma república no centro-oeste brasileiro. Segundo John Gledson (ASSIS, 1996, p. 52), pairavam suspeitas sobre a interferência de países estrangeiros na política brasileira, o que justificava a repercussão do tema na mídia internacional.

Efetivamente, Machado de Assis parece pouco se importar com a relevância da notícia, mas demonstra surpresa com o alcance dado a elas pelos periódicos. Ele questiona a pretensão de verdade dos telegramas veiculados nos jornais, considerando que rapidamente outros se apresentavam fazendo leitura oposta aos primeiros. O escritor revela, dessa forma, a precipitação com que as notícias se apresentam, à medida que dão azo ao aparecimento de outras que as desmintam.

Como é notável no expediente literário de Machado de Assis, a presença da ironia amplia o alcance do sentido de suas afirmações. Ao registrar que sua regra é crer no telegrama, o cronista aponta para a descrença. O uso do substantivo “fé” reforça nossa hipótese, posto que a fé não habita o universo da lógica, do racional. Tal é a sua descrença que, apenas um mês depois, o cronista abandona a ironia e apresenta diretamente a dúvida a respeito da credibilidade das informações trazidas:

Nesta semana, por exemplo, vimos todos um telegrama de um estado (não me ocorre o nome) resumindo a resposta dada pelo presidente a um ministro federal, que lhe recomendara não sei quê, em aviso (...) Não sei se é verdadeira a notícia, mas tudo pode acontecer debaixo do sol. (ASSIS, 1996, p. 68-69)

A busca por uma verdade parece ser uma preocupação menor do cronista. Destaca-se na sua leitura determinada preocupação com o ritmo das novidades e o efeito que elas produzem. Sua análise parece refletir o desejo de que haja um melhor apuro no desenvolvimento de um fato, o que se mostra impossível no curto espaço dos telegramas: “Renan, como Tennyson, despegou-se da vida no espaço de dois telegramas, algumas horas apenas” (ASSIS, 1996, p. 133). Nesse trecho da crônica de 9 de outubro de 1892, Machado de Assis demonstra certa perplexidade ao receber a notícia do adoecimento do historiador francês Ernest Renan e, em seguida, a de sua morte.

Mais do que sobre a verdade, o escritor parece refletir sobre o tempo, cuja noção parece ter sido profundamente modificada com o relevante espaço dado ao telégrafo na estruturação do jornal. Espanta ao cronista que o mundo se conecte tão rapidamente e que dentre os efeitos disso esteja notadamente a ausência de reflexão sobre os fatos dados a conhecer para a sociedade.

As notícias do conflito entre o governo republicano e os habitantes do arraial de Canudos foram objeto de atenção do escritor em três de suas crônicas dos dois

últimos anos da série *A Semana*. Na de 6 de dezembro de 1896, segundo o cronista, os telegramas:

(...) diziam que Antonio Conselheiro bate-se para destruir as instituições republicanas. Neste caso, estamos diante de um general Boulanger, adaptado ao meio, isto é, operando no sertão, em vez de o fazer na capital da República e na Câmara dos deputados, com eleições sucessivas e simultâneas. É muita coisa para tal homem; profeta de Deus, enviado de Jesus e cabo político (...) (ASSIS, 2015, p. 1256)

A crônica apresenta uma leitura profundamente crítica a respeito das precipitadas notícias advindas da Bahia. Primeiramente ela questiona a afirmação de que Antonio Conselheiro pretendia golpear a recente república brasileira, o que legitimaria o envio de tropas à comunidade de Canudos. O escritor denuncia a impossibilidade de que o líder religioso também tivesse pretensões seculares e, sobretudo, monarquistas.

Machado de Assis estabelece, inclusive, uma relação bem-humorada entre a terminologia da teoria evolucionista, à época bastante presente na linguagem dos jornais e da literatura, e o estatuto gozado por Antonio Conselheiro em sua comunidade. A pressa pela novidade fazia com que as agências de notícias e os jornalistas reproduzissem acriticamente a linguagem das teorias em voga. O cronista de *A Semana* dá um passo atrás, recusa a pressa. Parece procurar alargar o tempo, restituindo-o à condição na qual se habituou a refletir e a escrever.

Pretendemos demonstrar que a linguagem que se apresentava nos telegramas dialogava de perto com as mudanças trazidas pela tecnologia no modo de informar o leitor e, sobretudo, na construção das discussões no espaço público. A característica que se observava era a da compressão, de síntese da notícia, com pouco desenvolvimento. Nesse sentido, o experiente cronista apresenta a sua descrença e muitas vezes a perplexidade em captar o modo simplório como eram apresentados temas complexos e disponibiliza a sua pena para que a reflexão se dê de maneira equilibrada.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *A Semana: crônicas (1892-1893)*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996. Edição, introdução e notas de John Gledson.

_____. *Machado de Assis: obra completa em quatro volumes*. 3. ed. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2015. 4 v. Organização editorial Aluizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloisa Jahn.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil – 1800 – 1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

GRANJA, Lúcia. *Fazer os livros antes dos livros, Machado de Assis e Baptiste-Louis Garnier*: Imprensa e Impressos. 2016. 165 f. Tese (Livre Docência) - Programa de Pós-graduação em Letras, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Unesp, São José do Rio Preto, 2016.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis (1839-1870): Ensaio de biografia intelectual*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil: Da era colonial à Regência. (1500-1840)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. v.1.

THÉRENTY, Marie-Ève. *La littérature au quotidien. Poétiques journalistiques au XIXe siècle*. Paris: Seuil, 2007.

_____. O gender da crônica parisiense: de Delphine de Girardin a Colette. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, n. 38, p.174-185, jan/jun 2015. Artigo traduzido por Priscila Renata Gimenez